

FALANDO DE GUERRA E DE PAZ

Paz em Moçambique tornou-se uma obsessão. As guerras estão desacreditadas à face do mundo e dos homens. A confrontação dá lugar à negociação. Porque há de Moçambique ser uma excepção?

Pik Botha lançou, há dias, uma iniciativa de paz. Embalado pela esperança, foi a Maputo procurar interessar Chissano num plano vagamente inspirado pela recente experiência angolana.

O presidente de Moçambique fez-lhe ver que o caso de Angola não tem qualquer semelhança com o do seu País, tão diferentes são os dados do problema. Certo. Mas fica de pé a sugestão de Botha que se procure um mediador que poderia ser os Estados Unidos.

Talvez a nova dinâmica dos problemas que restam no mundo tenha surgido da retirada das forças soviéticas do Afeganistão, prova de que intervenções armadas estrangeiras só causam morte e destruição e não resolvem nada, antes agudizam situações que se podiam resolver internamente.

Na União Soviética de Mikhail Gorbachev as coisas passam-se, agora, à luz do dia. Um dos pilares da nova filosofia do Estado é o já famoso glasnost que permite a difusão e discussão livre dos assuntos que interessam ao povo.

Só assim se soube que Afeganistão foi o Vietname dos soviéticos.

Aplicando a Moçambique as lições de recentes experiências chega-se ao princípio (que esteve esquecido durante anos) que os assuntos dos países só dizem respeito aos seus povos. São eles que terão de os resolver sem violação da sua soberania e sem ingerência de terceiros.

Há, neste momento, três conflitos principais no mundo: no Afeganistão, as forças rebeldes dos mujahedin contra o regime comunista do presidente Najibullah em Kabul, agora frente a frente desde a retirada das forças soviéticas que apoiavam este último; em Angola, UNITA e MPLA; e em Moçambique, Renamo contra Frelimo.

Os observadores militares julgam que a situação no Afeganistão estará resolvida dentro de dois ou três meses com a queda do regime de Kabul. Em Angola, agora que as forças estrangeiras, sul-africanas e cubanas, acordaram retirar do País, Luanda e Jamba terão forçosamente de chegar a uma plataforma de paz e reconciliação.

E Moçambique? Basicamente, um caso muito simples que se resume à ausência da coisa mais vulgar no mundo de hoje: comunicação. As partes em luta não se conhecem, não sabem se têm pontos comuns a conversar,

não sabem nada de nada uma da outra.

A espectacular conferência de paz em Pretória, em Outubro de 1984, quando representantes acreditados da República Popular de Moçambique e da Resistência Nacional Moçambicana acordaram em conversações de paz, podia ter sido o princípio do fim das hostilidades e uma abertura para a reconciliação nacional.

Não o foi, infelizmente. A euforia geral durou apenas horas. Como tudo o que diz respeito ao conflito moçambicano, passou-se de um acordo de paz a uma série de meias-verdades, meias-mentiras, jogos e conspirações em capitais estrangeiras até aos assassinatos mergulhados em mistério dos líderes da RNM, Orlando Cristina e Evo Fernandes.

Quebrou-se em 1984 uma incipiente linha de comunicação. A reabertura de contactos a nível de responsáveis de ambas as partes é, hoje, mais necessária do que nunca. Daí a oportunidade da iniciativa de Pik Botha. É certo que, por enquanto, a ideia é ainda muito vaga e nebulosa. Mas convem a todos que ela tome forma e entre no campo das prioridades.

Uma coisa é indiscutível. Esta guerra em Moçambique é uma estúpida perda de vidas e de bens que não poderá beneficiar seja quem for. Dura há treze longos anos e, se não se encontrar uma solução negociada, poderá arrastar-se por mais cem anos.

É tempo de se enfrentarem as realidades de frente e com coragem. Militarmente, os guerrilheiros da Renamo não têm a mínima chance de conquistar o País com acções esporádicas de «ataca e foge». Poderão, sim, enfraquecer o poder constituído através da morte, fome e destruição. Mas isso não os levará, com certeza, à Ponta Vermelha.

Como todos os governos, o do Maputo poderá cair um dia por uma qualquer das causas que fazem cair governos por esse mundo fora. Mas que isso venha a pôr a Renamo no poder, é pura conjectura.

A Renamo pode continuar a luta de guerrilha indefinidamente. Mas porquê e para quê? Convenhamos que combate o marxismo-leninismo. Se assim é, pois pode depôr as armas e preparar-se para negociar com uma Frelimo voltada para o Ocidente e para uma economia livre de mercado.

Enterrem o passado; vivam o presente e trabalhem todos juntos pelo futuro. Então teremos o Moçambique que todos desejamos de paz, progresso e prosperidade.

SILVA RAMALHO